E AGORA?

E agora, Laís? ▸ Se pensarmos em cineastas brasileiros especialmente atentos à construção de personagens, o nome de **Laís Bodanzky** logo virá à mente. O solo impressionante do jovem Neto (Rodrigo Santoro) em *Bicho de sete cabeças* e o painel de pessoas maduras no filme-baile *Chega de saudade* já comprovavam essa aptidão. Mas a parceria de Laís com o marido e roteirista Luiz Bolognesi alcança novo ápice com o premiado *As melhores coisas do mundo*. Laís reflete aqui sobre o sucesso desse filme e sua relação com os personagens. Por fim, lista 10 filmes que marcaram sua formação como espectadora e diretora.

Trabalheira e felicidade

Desde os meus primeiros trabalhos no curta-metragem, fiquei com a pulga atrás da orelha sobre essa história de que você vai aprendendo com os seus filmes e tudo fica mais fácil a cada filme que passa. Quando assisti ao documentário *Apocalipse de um cineasta (Hearts of darkness: a filmmaker's apocalypse)* – Fax Bahr, George Hickenlooper, Eleanor Coppola, 1991 – vi no experiente Coppola a crise da criação e, mesmo ainda amadora na profissão, eu me identifiquei profundamente com a dor dele e pensei com meus botões "será que eu vou aguentar esta vida?". E não deu outra, no meu terceiro longa (*As melhores coisas do mundo*) a dor da criação é a mesma. Como já sei disso, em cada novo trabalho tenho o mesmo respeito e rigor do primeiro. Por enquanto, a trabalheira tem me dado muita felicidade, mas isso não impediu que, mesmo ganhando oito prêmios no Cine PE, eu tenha ficado no dia seguinte com uma baita enxaqueca de tanta tensão que passei (não era ressaca!).

O filme mais técnico

As melhores coisas do mundo é o meu filme mais técnico. Trabalhei com a janela 2:35 e com muitas lentes tele que exigiam muito do foco. Por outro lado, eu só tinha uma câmera, o que me fazia rodar várias vezes a mesma cena, mesmo sem nenhum erro técnico, pois tinha que trocar a lente e/ou mudar a câmera de lugar para garantir um material rico para o Daniel Rezende se divertir na montagem. A linguagem previa uma edição bem picotada. O engraçado é que justamente neste filme trabalhei com atores inexperientes, pois eram todos adolescentes vivendo pela primeira vez um *set* de filmagem. Sei que é uma contradição, mas eles foram muito profissionais e não sabem o duro que deram. Faziam tudo sem reclamar e sempre com o mesmo frescor do primeiro *take*. Ufa, deu certo!

A emoção dos personagens

Em *As melhores coisas do mundo*, minha maior dificuldade foi decupar as poucas cenas de ação como o acidente da *bike* na calçada, por exemplo. Acho que isso tem a ver com o fato de eu me interessar mais pelas evoluções emocionais das personagens, me ocupar mais com as tramas internas do que com as externas. E fazer das tramas externas um jogo de espelho e um catalisador das tramas internas. Deu pra entender? *Chega de saudade* é o maior exemplo disso. Tenho muito orgulho dele, pois o Luiz Bolognesi e eu quebramos a cabeça e buscamos na sutileza da emoção de cada personagem a trama da história. Esse aprendizado de respeito a cada detalhe da curva dramática do personagem a gente trouxe para *As melhores coisas do mundo*. A contribuição do ator para os personagens é fundamental, mas oferecemos um delicioso prato para ele se esbaldar.

O teatro, para relaxar

Meu próximo projeto é dirigir uma peça de teatro. Já tinha dirigido em 2005 *Essa nossa juventude*, de autoria do dramaturgo/roteirista e diretor Kenneth Lonergan. Agora vou dirigir um texto do Bráulio Mantovani, *Menecma*. Vai ser uma farra, pois é um texto bem divertido, cheio de

Bicho de 7 cabeças

MARLENE BERGAMO / ED VIGGIANI

metalinguagem e humor. Longa-metragem vai demorar, estou exausta. *As melhores coisas do mundo* foi grudado no *Chega de saudade*, e em paralelo tenho a minha produtora com projetos que não param: Cine Tela Brasil, Oficinas de Audiovisual Tela Brasil e o portal *TelaBr* de formação e informação audiovisual (www.telabr.com.br).

Fazer e exibir filmes

Eu aprendo a fazer filmes exibindo filmes. Durante a viagem do projeto Cine Mambembe (fase romântica do Cine Tela Brasil), o Luiz e eu discutíamos muito sobre cinema e sobre o que é esse tal "grande público" que consome o *blockbuster* e as telenovelas. E percebemos que é possível fazer um cinema que fale com muita gente e ao mesmo tempo ofereça uma linguagem cinematográfica mais sofisticada à qual não estão acostumados. O roteiro do *Bicho de sete cabeças* nasceu dessa percepção. E ficamos muito felizes por até hoje muita gente nos procurar por *e-mail* para saber, por exemplo, de quem é aquela poesia na parede do manicômio. A resposta é: *O buraco do espelho*, de Arnaldo Antunes no auge do seu 'ensimesmismo'. Em nossos filmes esse desafio está sempre presente: levar para um público desavisado algo que ele não conhece mas é capaz de digerir e se transformar. Agora no *Melhores coisas...* li um blog de uma jovem dizendo que foi ao cinema para ver o filme do Fiuk, mas que quando terminou a sessão ela estava mexida, pois não tinha visto um filme do Fiuk, mas sim um Filme – e um filme que a fez sentar-se e escrever porque precisava pôr para fora os sentimentos em ebulição.

A hora da estrela e Iracema, uma transa amazônica

Faróis

Os dez filmes que mais influenciaram a concepção de cinema de Laís Bodanzky

1. ***Iracema, uma transa amazônica***, de Jorge Bodanzky e Orlando Senna
Por motivos óbvios de reconhecer um cinema inovador até hoje, mas por ser uma gostosa lembrança de infância das sessões lá de casa (N.R. Laís é filha de Jorge Bodanzky).

2. ***Guerra nas estrelas***, de George Lucas
Uma experiência sensorial cinematográfica que me pegou ainda menina, sonhando em ser princesa.

3. ***La boum*** *(No tempo dos namorados)*, de Claude Pinoteau
Um filme francês que me colocou adolescente na tela e me fez rir de mim mesma.

4. ***Meu gato sumiu*** *(Chacun cherche son chat)*, de Cédric Klapisch
Outro francês que me despertou para o cinema de busca das personagens.

5. ***O carteiro e o poeta*** *(Il postino)*, de Michael Radford
O único filme que me fez pagar duas vezes o ingresso.

6. ***Vicky Cristina Barcelona***, de Woody Allen
O melhor do melhor cineasta de todos os tempos.

7. ***A hora da estrela***, de Suzana Amaral
Cinema de verdade, sobre a verdade, com muita ficção.

8. ***A família***, de Ettore Scola
Scola é o pai que acolhe todos os seus personagens, sem esquecer de nenhum e com o mesmo carinho por todos.

9. ***Trainspotting***, de Danny Boyle
Para suportar a barra pesada, só sendo pop.

10. ***O ilusionista***, de Jos Stelling (N.R. Um filme de pantomima, sem diálogos)
Um dia vou fazer um filme assim.